

NOVA DOCTRINA NUCLEAR DA RÚSSIA: CÓPIA DA DOS EUA?

Por Alain Rodier*



Lançamento de teste de um míssil balístico intercontinental RS-28 Sarmat no Cosmódromo de Plesetsk, na região de Arkhangelsk, Rússia, 21 de abril de 2022 (Sputnik/Ministério de Defesa da Rússia).

Todas as escolas de pensamento militar admitem que o primeiro lançamento de um ataque nuclear seria necessariamente múltiplo para obter vantagem tática inicial, e levaria inexoravelmente ao apocalipse global.

Desde o início da guerra na Ucrânia, o presidente Vladimir Putin recordou repetidamente que a Rússia tem o maior e mais avançado arsenal nuclear entre todos os outros (o que não exclui falhas de disparos de teste como o que acaba de acontecer com a explosão no silo de um míssil R-28 Sarmat no Cosmódromo de Plesetsk) e pediu ao Ocidente que não ultrapassasse um limiar que pudesse levar a uma guerra nuclear sem vencedor.

Durante o último conselho de segurança sobre armas nucleares realizado no Kremlin em 25 de setembro, ele esclareceu a nova doutrina proposta por Moscou em termos de envolvimento da sua força de ataque: “...agressão contra a Rússia por qualquer Estado sem armas nucleares, mas com a participação ou apoio de um Estado com armas nucleares seria considerado um ataque conjunto contra a Federação Russa [...] No caso de coleta de informações confiáveis sobre o lançamento de ataques aéreos maciços e sua passagem das nossas fronteiras [...] reservamo-nos o direito de usar armas nucleares...”

Claramente, a utilização maciça de armas convencionais por um país não equipado com armas nucleares, mas apoiado por outra potência nuclear, que causaria uma ameaça crítica à soberania da Rússia, é um novo limiar para uma possível utilização. Note-se que a Bielorrússia se beneficiaria da cobertura nuclear russa.

Esta declaração designa – sem nomeá-la – a Ucrânia, que deseja atacar a Rússia em profundidade com mísseis americanos, britânicos e franceses... e estes três países estão equipados com força de dissuasão e participam e apoiam – oficialmente de forma indireta –, Kiev no conflito com Moscou.

Se permanecermos em um nível puramente histórico, a doutrina russa nunca excluiu a possibilidade de um primeiro ataque se os interesses fundamentais da Rússia fossem ameaçados.

CENÁRIO DE TERROR

Todos os estados-maiores do mundo estão fazendo planos. É possível imaginar que um dos cenários de guerra de Moscou preveja a nuclearização de uma ou mais bases ucranianas que teriam servido de ponto de partida para ataques profundos e maciços (mas com armas convencionais) na Rússia.

É claro que a condenação seria mundial – incluindo a China – mas esta ação apocalíptica não forçaria as potências nucleares ocidentais a embarcar em um processo de escalada que acabaria por ser fatal para todos...

Note-se que todas as escolas de pensamento militar admitem que o primeiro lançamento de um ataque nuclear (que de fato seria necessariamente múltiplo para obter uma vantagem tática inicial) levaria inexoravelmente ao apocalipse global.

Mesmo os sobreviventes, convencidos de que podem escapar aos primeiros efeitos de uma explosão nuclear (luminotérmica, seguida pela explosão e depois pela contaminação radioativa), refugiando-se em abrigos subterrâneos, sabem que uma guerra atômica geral resultaria em um “inverno nuclear” devido às nuvens que isolaria o planeta dos raios solares, causando uma queda nas temperaturas de 20 a 30° durante os primeiros cem dias após o surto...

Isto posto, e para além do lado “moral” da questão, nada obrigaria o Ocidente a responder a um ataque nuclear que ocorresse em território ucraniano.

- Em primeiro lugar, a Ucrânia não pertence à OTAN, pelo que não se pode afirmar que o Artigo 5º se aplique;
- A ideia fundamental da Casa Branca sempre foi que o território dos EUA não deveria ser atingido de forma alguma, o que nunca aconteceu até agora;
- A chave de engajamento das armas nucleares britânicas reside... em Washington;
- No que diz respeito à França, apenas um líder louco arriscaria a própria existência do país e sua população para “vingar” a Ucrânia...

Mesmo que seja um blefe, como muitos analistas acreditam, isso constitui uma afirmação muito séria porque para Moscou se trata de propor a opção do “primeiro ataque”.

O secretário de Estado americano, Antony Blinken, disse que os comentários de Putin sobre a ameaça nuclear eram “totalmente irresponsáveis”.

Ele apenas “esqueceu” diplomaticamente que, com dois anos de atraso, foi uma resposta “do pastor à pastora” porque em abril de 2022, o governo Biden tinha declarado – sem qualquer controvérsia particular – que o “*papel fundamental*” do arsenal nuclear americano deveria ser dissuadir qualquer ataque nuclear [contra o seu solo], mas que sempre restava possível a opção de usá-lo em “*circunstâncias extremas para defender os interesses vitais dos Estados Unidos ou dos seus aliados e parceiros*”.

Os discursos são estranhamente semelhantes e este jogo de pôquer mentiroso entre líderes políticos é sinistro...

Publicado no [Le Diplomate.Media](#).

**Alain Rodier é ex-oficial da inteligência francesa e atualmente vice-diretor do Centro Francês de Pesquisa de Inteligência (CF2R). É responsável pela monitoração do terrorismo de origem islâmica e do crime organizado. Rodier é autor de vários livros sobre geopolítica, terrorismo e crime organizado.*
